

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 07 – 2007, JULHO  
Assinatura até Dezembro de 2007: 5 selos postais de 1ª Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Contos, Poesias?  
www.haicu.sf.nom.br

El cabelo, como un casco,  
le corona el rostro bello:  
brilla su negro cabello  
como un sable de Damasco.  
¿Aquélla?... Pues pon la hiel  
del mundo entero en un haz,  
y tállala en cuerpo, y haz  
un alma entera de hiel!

¿Ésta?... Pues esta infeliz  
lleva escarpines rozados,  
y los labios colorados,  
y la cara de barniz.  
El alma lúgubre grita:  
“¡Mujer, maldita mujer!”  
¡No sé yo quién pueda ser  
entre las dos la maldita!

José Julián Martí 1853-1895, Versos Secillos, Canto XXXIII;  
José Martí Poesía Completa, Tomo I,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Brincávamos nós dois o dia inteiro:  
você, linda criança, eu pequenino,  
num mútuo bem-querer, num verdadeiro  
mundo de flores, plácido e divino!  
Sempre juntos, você foi quem primeiro  
ensinou-me de um modo peregrino,  
viver, amar, ser bom, ser altaneiro,  
minha loura boneca de menino...  
Depois fui para longe... A nossa dita  
o tempo transformou. Deus assim quer!  
Fiquei moço e você ficou mulher...  
E mulher, mais mimosa, mais bonita,  
você é ainda a mesma em meu destino  
minha loura boneca de menino.

“Se há novidades desde que partiste?  
Uma apenas, e é fácil concebe-la:  
anda aqui tudo desolado e pela  
tua volta, a clamar, insiste, insiste...  
Foram contigo a graça, o enlevo, o chiste.  
Só a saudade ficou. E, à noite, aquela  
tua radiosa e favorita estrela  
é uma lágrima de ouro alada e triste.  
Choro, e comigo tudo chora: as flores,  
os vales, a campina viridente,  
as frágeis borboletas multicores...  
Só o passaredo, que nos bosques mora,  
esse não chora, canta alegremente,  
porque não sabe que te foste embora”.

“Ora (direis) votar em branco! Certo  
perdeste o senso!” E eu vos direi, de pronto,  
que assim votando (*chi lo sa*) decerto  
não fui na onda, nem caí no conto.  
E receando dar meu voto tonto,  
assim à toa, a um candidato esperto,  
não quis votar, gozando o desaponto  
dos candidatos, ao ser este aberto.  
Direis agora, amigo: “Isso é despeito,  
uma besteira que não adianta nada,  
nem prejudica a apuração do pleito!”  
Eu vos direi, pois gosto de ser franco!  
“Não tenho fé mais nessa macacada,  
eis o motivo por que voto em branco!”

Reinaldo Vieira, Trecho da Carta  
232 Poetas Paulistas. Antologia – Conquista, 1968 – Rio de Janeiro, RJ  
Pedro de Alcântara Worms

Antonio Pádua Costa 1900-1947, Votar em Branco

Fez-te a Trova nosso irmão,  
presente a cada certame!  
E em todos os que virão,  
viverás... Mário Beltrame!  
Ercy Mª M. de Faria, 0706 Sem  
Limites; Rua Agenor Meira 14-73,  
Centro, 17015-301 – Bauru, SP

Milagres de Deus recebo,  
desde criança, em tom festivo...  
Mas, quando acordo, percebo  
outro milagre: ...estou vivo!  
José Vitor de Paiva, 0706  
Trovalegre, Caixa Postal 181  
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Teu amor eterno não deu  
nem para deixar saudade...  
– Ah como é falso o teu  
conceito de eternidade!  
Monte Lopes, 0606 O Pitiguari,  
Rua Guanabara 542, Praia de  
Areia Preta, 59014-180 – Natal, RN

Para a Cidade Canção,  
que também é santuário,  
do fundo do coração...  
um Feliz Aniversário!  
Neide Rocha Portugal, 0706,  
Bali, 1989-2007, (0 22) 3861  
-2318 kleberleite@terra.com.br

Maravilha mundial?  
Temos sim, competidor...  
Ele é orgulho nacional:  
– nosso Cristo Redentor!  
Oefe Souza  
www.new7wonders.com

“Não conto mais com Você!...”  
– Diz a mulher lá da sala:  
“Se no verão não se vê,  
no inverno, então, nem se fala!...”  
Rodolpho Abbud, 9704  
II Prêmio Menestrel da Trova  
UBT – Seção Juiz de Fora

Passa pelos pampas  
o carro-de-boi cantando  
neste dia gélido!  
H. Masuda Goga

Sol quente de inverno:  
criança viva e alegre  
no Jardim Zoológico.  
H. Masuda Goga

O bebê resmunga –  
Zune nas venezianas  
o vento do inverno.  
Paulo Franchetti

No leito minguante  
do rio quase parado  
a lua crescente...  
Teruko Oda

Seca de inverno  
o balde sobe cantando  
do fundo do poço.  
Teruko Oda

Um frio intenso.  
O abraço do netinho  
aquece a vovó.  
Teruko Oda

Sem nuvens, sem vento...  
Brilho de cristais na relva  
– noite de geada.  
Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

## TEMAS DA SAZÃO INVERNA – QUIDAIS DE INVERNO

No lombo do boi  
carrapatinho de carona...  
o flor vai sendo levada!  
Anita Thomaz Folmann

O vento cortante  
levanta o pó da estrada.  
Inverno chegando.  
Cecy Tupinambá Ulhôa

Reunidos na praça,  
motoristas eufóricos  
comemoram seu dia!  
Helvécio Durso

Do rio, quase nada,  
e gente dispensa a ponte.  
Pegadas de barro.  
Manoel F. Menendez

Esperam quantão  
com caneca na mão,  
são todos sorrisos.  
Maria App. Picanço Goulart

Garoa na serra.  
O capinzal se contorce.  
Dia escuro e gélido.  
Roberto Resende Vilela

Horta bem cuidada  
transformando-se em jardim.  
Couve-flor florindo.  
Yedda Ramos Maia Patrício

## HAICUS EM FOLHA

No rio de inverno  
a flor vai sendo levada...  
águas vagarosas. A  
Alba Christina

No meio do inverno  
a paisagem desolada  
salgueiro sem folha. P  
Alba Christina

De galhos vergados,  
varrendo as margens do rio,  
salgueiro sem folha. B  
Amália Marie Gerda

Ruídos de cascos...  
Rijo, o gaúcho galopa  
e enfrenta o pampeiro. G  
Amália Marie Gerda

Caçada forrada.  
Na margem do ribeirão,  
salgueiro sem folhas. G  
Amauri do Amaral Campos

Passa na cidade  
soltando fria neblina.  
Rio de inverno. P  
Amauri do Amaral Campos

Chega o pampeiro.  
Chacoalha as cortinas  
das velhas janelas. P  
Amauri do Amaral Campos

Alta madrugada,  
pelas frestas da janela  
o pampeiro entrando. C  
Analice Feitoza de Lima

Pássaro ferido  
descansa no galho seco.  
Salgueiro sem folha. F  
Analice Feitoza de Lima

Sem força nenhuma,  
água corre mansamente.  
É rio de inverno. G  
Analice Feitoza de Lima

Na beira do lago,  
compridos galhos despídos:  
salgueiro sem folhas. C  
Angélica Villela Santos

Um rio de Inverno  
espantando os pescadores.  
Camadas de gelo. J  
Angélica Villela Santos

Pampeiro chegou,  
zunindo sobre as coxilhas.  
Capas agasalham. J  
Angélica Villela Santos

Enfrentando o tempo,  
tapera à beira da estrada  
resiste ao pampeiro. C  
Argemira F. Marcondes

Outono chegando,  
o vento se despedindo.  
Salgueiro sem folha. P  
Argemira F. Marcondes

À beira da estrada,  
curvado em sua nudez  
salgueiros sem folhas. J  
Darly O. Barros

Sem brida, o pampeiro  
prosseguindo no seu galope  
cruzando os pampas... P  
Darly O. Barros

Salgueiro sem folha,  
esperando a primavera  
para renascer. P  
Djalda Winter Santos

O rio de inverno  
deslizando pelo prado,  
vai devagarinho... Z  
Djalda Winter Santos

Pampeiro zunindo.  
Todos se abrigam nas casas.  
Só restou o susto. P  
Flávio Ferreira da Silva

Muito espaço,  
um fio de água serpenteia.  
Rio de inverno. P  
Manoel F. Menendez

Pampa e cavaleiro  
seguem pela planície.  
Enfrentam o pampeiro. Z  
Manoel F. Menendez

Amedrontador  
vulto noturno na estrada.  
Salgueiro sem folha. J  
Nadyr Leme Ganzert

Pampeiro chegando  
muita coisa destruída  
não era esperado. P  
Nadyr Leme Ganzert

Barulho de galhos  
se chocando com o vento.  
Salgueiro sem folhas. J  
Renata Paccola

Crianças brincando  
sob o guarda-chuva nu.  
Salgueiro sem folhas. P  
Renata Paccola

As toras cortadas  
para as lareiras acesas.  
Chegou o pampeiro. J  
Suely da Silva Mendonça

No rio de inverno  
cascatas fazem desenhos  
em sua água mansa. Z  
Suely da Silva Mendonça

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.07.07, quigos à escolha Cacau, Casuarina, Dia do Médico.  
Remeter até 30.08.07, quigos à escolha Dia da República, Flor de abricó, Pandorga.

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou  
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T R E V O S   À   M O D A   O C I D E N T A L E   T R E V O S   P E R S O N A G E M

Cipó-de-são-joão: o descanso convidando nas sombras gostosas. Alba Christina	Na poluição as flores germinam tortas, Rosas na fuligem. Amauri Amaral Campos	Cartões, burburinhos... Dia do Comerciante! Abraços e flores... Amália Marie Gerda	Na paineira em flor em breve surgirá frutos... Que paina macia! Cecília do Amaral Cardoso	Máquina é quem vai feliz festejar o Dia Do Agricultor, uai? Fernando L. A. Soares	Ar quase impossível, a água com gosto estranho. Poluição, gente! Fernando Vasconcelos	Produtos em alta... Dia do Comerciante sem muita esperança. Humberto Del Maestro
Quentão corre solto no casório da Maria. Noivo e noiva ao chão!... Leonilda Hilgenberg Justus	Manta, lã ou seda cobertura e agasalho, na cabeça e ombros. Manoel Ant <sup>o</sup> do Nascimento Jr.	Dia do Colono, muita festança. Bóia ainda fria... Manoel F. Menendez	Legumes à mesa couve-flor é preferida, sabor agradável! Olga dos Santos Bussade	Chega a sobremesa... Doce de batata-doce. não resisto e provo... Olíria Alvarenga	Manhã toda branquinha desperta a névoa de inverno e faz o céu azul. Suelly da Silva Mendonça	Dia do Colono: danças, trajes, pratos típicos. – Terra-mãe presente. Walma da Costa Barros

Árbol tronchado. Los gritos de mis ojos ¿quién los escucha? Lía Miersch	Gruñe el pampero, nubes deshilachadas se lleva el río. Liria Miyakawa	Bisturí de oro... Resquicio en el postigo hendió la sombra. Manuel Asorey	Lenta llovizna apresurando pasos... Calle Corrientes. María Celia C. de Casanova	Por esa huella crujiente de hojas secas camina un perro. María Haydée Aguilar	Mirada austral. Baquiana anochecida la Cruz del Sur. Mónica Viviana Asorey	Cuerdas vibrantes apoyado el mentón brotan sollozos. Rómulo Cartagénova	Árbol desnudo, colgado de una rama farol de luna. Susana de Luna
--	--	--	---	--	---	--	---

De Haiku, Antología Del Grupo Seibu – Asociación Japonesa SEIBU, www.seibu.com.ar/

No bosque negro os vaga-lumes brilham no céu do chão.	Abelhas vermelhas ébricas de corolas zumbem o doce ímpeto.	Estrelas brilham sobre catástrofes: consolo ou ironia?	Trigais vergados de madurez ondulam ouro.	Dias grisalhos: as cigarras cantam meu inverno.	O pavor gritado das locomotivas ecoa nos túneis.	Cipreste esguio só soma sombra à terra do frio.	Até os esgotos cantam com a água dos céus.
Contraponto entre a noite cega e o clarão dos amantes.	A noite terminou em orvalho: espero o mesmo.	O rumor do pinhal é mar oculto na âncora das raízes.	No bosque de eucaliptos a noite é perfume.	A saliva do lento caracol deixa uma via de prata.	A névoa fecha os olhos do lago.	A maré sobe: os passos humanos viraram sal.	Meus sapatos orvalhados pisam outras manhãs.

Cláudio Feldman, de Sapatos Orvalhados 2001, 2<sup>o</sup> Tiragem – tt-feldman@uol.com.br

<i>Tardinha de luz em um rio de primavera nuvens refletidas nas profundezas do vale pétalas seguem as águas.</i>	<i>Tufos de capim renovam a velha praça fim primaveril a chuva desta manhã inundou a minha rua.</i>	<i>Janeiro estranho traz chuva todos os dias e nenhum calor andando pela calçada um pingo cai no meu rosto.</i>	<i>Outro vendaval ainda pude exclaimar que rosa tão bela as mudas de tarumã precisam ser plantadas.</i>	<i>Frialdade no estio! os chinelos de presente ainda no pacote o fogão a lenha volta a esquentar os meus pés.</i>	<i>Na noite nublada melhor que uma lua cheia o calor de casa longo domingo chuvoso três vezes o mesmo filme.</i>	<i>Chegada do outono aquelas nuvens de chuva passarão ligeiras? Depois de uma semana um céu de azul profundo.</i>
<i>Noite de primavera. Alguns jovens namorando nos bancos da praça. Os plântanos enverdecem em seus longos braços brancos.</i>	<i>Um vaso de fícus no portão do edifício. Folhas renovadas. Os ouvidos dos passantes levam também buzinas.</i>	<i>Compras de Natal. Atravessando o viaduto o engarrafamento. Entre tanto burburinho a sineta de Noel.</i>	<i>A blusa guardada na mochila do aluno. O frio da tarde. cedo chega o anoitecer/e os pássaros se recolhem.</i>	<i>As mãos geladas com um abraço caloroso. Dia das Mães. Tem conversa na cozinha entre uma avó e sua nora.</i>	<i>Sogra e avó com o carinho de sempre. Doce de abóbora. No preparo de pamonhas uma tarde com mamãe.</i>	<i>Bando de tirivas vão chegando lá na copa. Píngos amarelos. A cerração de inverno dissolve-se sob o sol.</i>
<i>Noites outonais tiram tamanho dos dias lua vespertina a cada dia que passa eu minguo e ela cresce.</i>	<i>Clarão nas folhagens por onde andarão os grilos do nosso quintal? esperando o inverno recolho o meu bonsai.</i>	<i>Manhãzinha fria o grito do pica-pau é de despedida? piados insistentes do pássaro solitário.</i>	<i>A gata ligeira entre as folhas amarelas asas entre os galhos subiu num guapuruvu uirapuru ou urubu?</i>	<i>Caem as folhas das árvores da minha rua um vento gelado o cachecol de algodão não pára em meu pescoço.</i>	<i>Nesta noite fria tenho pressa de chegar pouco agasalho o morador-de-rua estende o seu cobertor no chão.</i>	<i>Inverno à noite ao vigia do quarteirão não serve a pressa debaixo de muita cobertura escuto apito distante.</i>
<i>Pelo macegal o caminho matutino. A calça molhada. Fumaça sobe aos céus do que sobrou da fogueira.</i>	<i>A lua se põe no horizonte enevoado. Aurora de julho. Tiro um tempo para ver um límpido céu azul.</i>	<i>Nova frente fria. As luzes foram acesas durante o almoço. As luminárias da praça lembram-me de um eclipse.</i>	<i>Os pés de ipês ainda estão sem flores. Chego à Rui Barbosa. Fui à Praça Himeji ver cerejeiras em flor.</i>	<i>Flores cor-de-rosas espalhadas pelo vento. O jogo de damas. Um chuvisco fino molha meu rosto e o sobretudo.</i>	<i>Após muito tempo... as roupas no varal e janelas abertas. A piazzada vai à escola sem os casacos de lã.</i>	<i>Saída das aulas. As crianças com presentes pro Dia dos Pais. Logo de manhã recebo um abraço de meu filho.</i>
<i>Noite silenciosa antigas festas juninas agora lembranças cinzas e brisas no chão me aquecem pela manhã.</i>	<i>Início de julho esquecido sobre a mesa um chapéu caipira a capela enfeitada para outro casamento.</i>	<i>Meu bairro central nuvens cinzentas de chuva sobre as cerejeiras calçadão da rua XV a moça entrega panfletos.</i>	<i>Julho chega ao fim o pregão da bilheteira continua no frio a casa de chá em festa chegou o luar de agosto.</i>	<i>Há para quem vem novidade no jardim botões de ipê-rosa as árvores sem folhas muito serviço no jardim.</i>	<i>O inverno fenece a volta dos quero-queros rompem o silêncio as luzes vão se apagando gorjeios de passarinhos.</i>	<i>Já se pode ver que a primavera se aproxima brotos abundantes e ela sempre se repete como a cinqüenta anos.</i>
<i>No portão de casa o cadeado gelado. Começa o meu dia. No neveiro de inverno a cidade igual a um sonho.</i>	<i>Árvore mesclada de galhos, flores e brotos. A vida é presente. Jovem paineira da praça quem a viu no rebrotar?</i>	<i>Com um céu azul começou o dia hoje. Vendedor de dolé. No pequeno ipê amarelo flores de luzes ao sol.</i>	<i>Tapete florido que os transeuntes não ousam pisar. Um casal de namorados faz pose para uma foto.</i>	<i>Como em um sonho as árvores a dançar. O Espelho d'água. Fiz um poema neste dia do arboreto a rebrotar.</i>	<i>Lixeira de rua. Flores de jacarandá enchem o vazio. No Passeio Público vê-se o lílãs sobre o asfalto.</i>	<i>A chuva forte varre as pétalas também. Tudo volta ao cinza. João-de-barro refaz a casa no alto do poste.</i>
<i>Uma chuva mansa no pessegueiro florido fim de época seca termina o mês de agosto a lua desce rente aos prédios.</i>	<i>Perfume agradável na caminhada noturna manacá em flor na praia, o som das ondas acompanha nossos passos.</i>	<i>Não me queixo se há tempos não vejo o mar vejo ipês florados da janela do avião o azul é mais azul.</i>	<i>Neste Dia da Árvore veio-me outra imensidão Amazônia verde os cajueiros floridos alegria de menino.</i>	<i>Infância querida a menina tinge as mãos ao colher amoras na festa da padroeira os anjinhos são crianças.</i>	<i>dolé: picolé guapuruvu: árvore macegal: terreno coberto com ervas daninhas. Passeio-Público: parque</i>	<i>A chuva forte varre as pétalas também. Tudo volta ao cinza. João-de-barro refaz a casa no alto do poste. central de Curitiba tererê: chimarrão (mate) frio quero-quero: ave caradriiforme tiriva: ave (sua cor é verde)</i>

José Marins (em itálico) e Sérgio Francisco Pichorim (normal), de Pinha Pinhão – Pinhão Pinheiro, Renga, Araucária Cultural, 2004. Contato: Sérgio Francisco Pichorim, Rua Cap. Benjamim Claudino Ferreira 1253, 83005-390 – São José dos Pinhais, PR, Fone (0\*41) 282-4255, e-mail pichorim@cefetpr.br

Hora da merenda na cozinha da vovó bolo de fubá.	Cheiro apetitoso sobre a mesa o cozido de batatas-doces.	Noitinha invernal calor do chá de hortelã para um idoso.	Início de agosto entra o sol pela janela sem brilho ou calor.	Dia do Folclore na merenda da escolinha tem baião-de-dois.	Árvore sem folhas somentemente um gavião com a presa no bico.	Próximo à calçada patas-de-vaca floridas aroma suave.
--	--	--	---	--	---	---

Benedita Silva de Azevedo (Grêmiu Haicai Sabiá), de Canto do Sabiá, 2006 – Editor: José Marins, josemarins@pop.com.br – Contatos: Araucária Cultural, (0\*41) 3029-8713

Domingo gelado. Nos balanços do parquinho apenas o vento.	Chuva de inverno. Uma música de flauta na rua deserta.	Outro dia gelido amanhecendo lá fora. Lenha no fogão.	Úmida manhã. Em cada palanque da cerca um urubu.	Tarde de garoa. Duas gaviotas disputam um peixe na areia.	Esperando o sol aqueço as minhas mãos. Chocolate quente.	Dia seis de agosto. Com aperto no coração planto uma Sakura.
---	--	---	--	---	--	--

Sérgio Francisco Pichorim (Grêmiu Haicai Manacá), de Che Paraná Porã, 2006 – Editor: José Marins, josemarins@pop.com.br

Minhas trovas de saudade não são antigas nem novas, mas pouco me importa a idade da saudade em minhas trovas.	História o povo é quem faz, em qualquer comunidade, e o tempo passa e nos traz lembrança e muita saudade.	Saudade qualquer um tem e surge subitamente... Até no apito do trem, ela chega... de repente.	Você veio e foi embora, sem intenção de voltar... e a saudade, sem demora, chegou e teima em ficar.	A saudade me acompanha a todo lugar que eu vou: escala e desce montanha, e sempre está onde estou.	Sofri com tua partida, mas nem tudo foi contigo: no abraço da despedida, trouxe a saudade comigo!
Menina, tenho saudade dos felizes dias meus, quando eu tinha a sua idade e também os sonhos seus!	A lembrança da varanda de vez em quando me invade: nela – mamãe já não anda, mas lá passeia a saudade!	Contra ventos e procelas, por simples casualidade, aportaram caravelas carregadas de saudade.	Estou feliz nesta idade, com todo o bem que em mim vive e transformei em saudade os amores que eu já tive!	Agora, em minha cidade, quanto amigo já não vive, mas tenho muita saudade dos bons amigos que eu tive!	Toda tristeza do mundo vem numa valsa dolente, e a saudade toca fundo dentro do peito da gente.

Edmilson Ferreira Macedo, de A Saudade em Minhas Trovas, 2005 – Correspondência: Rua Dr. Plínio de Moraes 494, Cidade Nova, 31170-170 – Belo Horizonte, MG; Contato: (0\*31) 3484-5499